

## No estuário da saudade

*J. C. Alencar Araripe*

### Artesão do sentimento

João Jacques era uma dessas pessoas em que se reuniam excepcionais dotes artísticos. Foi escritor de prosa castiça, sem exageros de linguagem ou fumos de erudição; a poesia encantava pelo sentimento e pelo lirismo; o pintor retratava a natureza com a propriedade dos tons e a sugestão da perspectiva; a música não lhe era estranha, pelo convívio e herança do pai e pela constância com que evocava os seus sortilégios em páginas de relembração e devaneio.

Os contos de autoria de João Jacques são histórias singelas, nem por isso despojados de curiosidade e interesse. Não agridem pelos palavrões e o choque traumático do sexo grosseiro, como é moda em certos autores, à procura de leitor que busca sensação no imoralismo das palavras e das imagens que sugerem. O autor insinua-se em confissões enternecedoras e o desfecho só se percebe pelo murmúrio de frases intercaladas pela emoção.

Num poema, João Jacques justificava sua prosa macia:

*Antigamente, o amor se manifestava  
às ocultas, com pudor de si próprio  
O beijo era na mão ou na testa  
e havia hierarquia no ministrá-lo.*

*Os namorados só se davam as mãos  
na alcovitice da penumbra  
e só se abraçavam na convivência negra  
e sobressaltada das noites.*

A sua poesia inspira-se em realidades sentidas e vividas, tem o calendário à vista para celebrar dias como o das mães e o Natal, emoldura-a o calor humano, chora a desdita dos excluídos, canta a

cidade e a serra nos clarões da aurora, encena momentos de ternura de enamorados.

Esbarro na indecisão na hora de apontar uma das suas criações poéticas. Há um rico estuário. Em que ponto eu me deterei? Em que ilha descerei com o escafandro da sensibilidade? Leio e releio “Fábrica de sonhos”:

*Os quartos glúteos e volumosos  
sentados na areia anatômica da praia,  
lenço branco dobrado ao meio  
à moda de vela de jangada  
apertando em nó as têmporas,  
– Joana cachimba e faz renda  
à porta da palhoça*

*Pelo amplo decote da blusa  
aparecem-lhe as almofadas dos seios,  
cheios dos bicos próprios  
e dos que guarnecem seu corpete de cambraia...*

*Os bilros, entre os dedos de Joana,  
estalam mais que as castanholas  
nas mãos musicais das espanholas.*

Da poesia socorre-se João Jacques para anunciar com humildade a sua caminhada no mundo da pintura. O poema intitula-se “Otacílio Azevedo”:

*Minha primeira tela foi pintada  
a quatro mãos  
e seus últimos retoques  
tiveram por atelier a cozinha do poeta.*

*Otacílio desenhava seus quadros  
e metrificava seus versos  
perto do fogão a lenha,  
à luz das brasas e ao marulho  
da água fervendo.*

*Era um perfeito mestre-cuca da poesia e da paleta,  
usando o óleo de linhaça e o sal parnasiano,  
cozinhando as tintas fortes  
e temperando com azul os longes das montanhas.*

*Daí o calor de borralho do seu sentimento  
interpretativo  
e o sabor local das suas ensolaradas paisagens.*

A condição de jornalista haveria de concorrer para fazer do João Jacques o cronista por excelência. Houve tempo em que escrevia diariamente. Primeiro no *O Povo* e, anos depois, no *Diário do Nordeste*.

“O cronista, segundo o nome, é uma espécie de relógio”, sentenciou ele. “Sua pena e seu lápis, os ponteiros. O papel, o quadrante. As palavras, o cuco.

“Há, portanto, que marcar os minutos alegres e as horas tristes da vida, registrando-as, em colorido, para os coevos e a posteridade, tanto mais fiel aos fatos quanto melhor a técnica suíça da sua engrenagem sentimental.”

Fácil comprovar a fidelidade de João Jacques a esse ideário. Porque ele não se contentou só com o jornal, que depois de lido é lançado fora. Reuniu suas crônicas em livros, o primeiro dos quais, no gênero, foi *Alma em corpo oito*. Podemos relê-lo, assim, a qualquer momento.

Apontar as melhores não é tarefa fácil. Porque são tantas as que nos motivam e enfeitiçam que a seleção seria extensa. O acadêmico João Clímico Bezerra foi feliz nesta conceituação: “Fiel à sua formação clássica, a crônica recebeu de João Jacques um tratamento estilístico que o equipara aos melhores escritores de sua geração”.

Na Antologia da Academia Cearense de Letras, ano do centenário, o resumo biográfico de João Jacques é encerrado com estas palavras lapidares de Otacílio Colares, há anos na nossa precoce saudade: “Como poeta, ele reflete o cronista e o pintor excludente que é, enamorado dos tons e amante da vida na sua imensa multiplicidade. As palavras, em seus poemas, são cores de paleta rica, emolduradas de muito sentimento”.

“A gente sempre simpatiza com os que não nos fazem sombra na vida...” É uma sentença cheia de sabedoria que encontrei num dos capítulos de *A grande viagem*, livro em que João Jacques enfeixou as crônicas sobre a excursão que empreendeu aos Estados Unidos da América, na companhia de um grupo de jornalistas cearenses.

João Jacques não fez sombra, mas a auréola de simpatia que o cerca seja creditada, sobretudo, às suas virtudes pessoais e ao talento extraordinário revelado nas letras e nas artes.

Dezembro de 1999

### **Evocação de Chico Caldas**

“Os lugares que mais nos impressionam são como amigos de quem nos separamos e que desejamos tornar a ver”. É essa amorável conceituação de Antônio Bezerra que me vem à mente ao manusear os originais de *Chico Caldas, o Patriarca de Viçosa do Ceará*, livro que João Severiano Caldas da Silveira acaba de elaborar sobre o seu pai.

Gosto do pensamento do autor de *Notas de Viagem*, um monumento do historiógrafo, com extraordinário faro de observação, e o cultor fervoroso de conhecimentos científicos da flora, da fauna e da geologia. Fica bem começando por quem dedicou à Ibiapaba páginas de análise e encantamento, que reserva à bela Gruta de Ubajara descrição de insuperável detalhamento, que se enamorou de Viçosa, plantada em alcantilados que nos deixam mais perto do céu.

“A certas cidades – observa o escritor Jean-Louis Vaudoyer – como a certos livros, devemos alegrias que são e serão, pela vida inteira, refúgios e recompensas”. Para mim, Viçosa é uma dessas cidades. Graças a Deus, tenho mais de uma, quantas tenho!, cuja lembrança me envolve de doçura e devaneios.

Estive várias vezes em Viçosa, e não descarto a possibilidade de revê-la para provar dos licores que terminam por toldar a vista,

tantas são as variedades oferecidas. Mas, em duas ocasiões, viajando em companhia de vicossenses que moravam em Fortaleza, demorei dois dias de cada vez e tive um privilégio: reservaram-me como hospedagem a residência de Chico Caldas.

Foi uma beleza. Cercaram-me, a mim e familiares meus, de atenções e desvelos de fazer gosto. Do velho Caldas, então, nem se fala. Mal sentei-me na sala de visita, desembarcado do ônibus que amanhecera na cidade, não demorou para o convite indefectível. Não o atendi, habituado a não tomar uma cachacinha de estômago vazio. Mesmo boa e de alambique, como aquela. Não faltaram oportunidades, porém, para confraternizarmos no melhor estilo. Clima frio e agradável era convite permanente.

Quando participei da segunda excursão de vicossenses, outra vez o Chico Caldas acolheu-me com fidalguia, já não éramos estranhos, a teia da amizade realizara o seu trabalho de aproximação e entendimento. Conversas sérias sobre problemas da cidade e da região. Evocações não faltaram e Caldas lembrou o tempo do Baracubaco, o ruidoso clube que animou a Viosa de antanho. Amigo do anfitrião aparece de violão a tiracolo e haja cantoria. Uma sugestiona-me. Há muito anos a ouvira. Era coisa dos albores da mocidade:

Felicidade, felicidade  
Minha amizade foi-se embora com você  
Se ela vier e lhe trouxer  
Que bom, felicidade, que vai ser.

O samba de René Bittencourt e Noel Rosa assim terminava:

Eu fico triste  
Quando vejo alguém contente  
Tenho inveja dessa gente  
Que não sabe o que é sofrer.

A caninha corria solta, o violão dolente afervorava a saudade, conduzida nas asas desta melodia, do autor nem sequer lembro mais:

Saudade que me trouxe aqui  
Saudade de rever a ti  
Saudade quem é que não tem  
Só mesmo alguém que nunca quis bem.

Ao embalo de tantas músicas enleantes e sorvendo com gosto a caninha da Ibiapaba, a gente entrava pela tarde adentro desaten-to, sem se aperceber de que se aproximava a festa do colégio que era a menina dos olhos do Caldas. Transcorria o Dia da Independência e não titubeei no discurso quando chegou a hora.

A última vez em que estive com Chico Caldas, ele já perdera a visão. De passagem por Viçosa, num ônibus em que excursionavam, com objetivo de estudos e observações, alunos da Escola Técnica Federal, fui ao seu encontro. Acolheu-me com efusão e bebemos, juntos, a aguardante de primeira com que recepcionava os amigos.

Este livro resgata a figura histórica do Chico Caldas com fide-dignidade. Seu filho, o engenheiro-agrônomo João Severiano Caldas da Silveira, além do conhecimento pessoal, louva-se em documentação deixada pelo pai, que soube ser previdente, resguardando para o futuro os fatos pretéritos, dos quais foi testemunha ou parte relevante.

Desde mocinho, Caldas foi atuante e animoso. Tinha ideal e queria ser útil à terra onde nascera e compartilhar com o povo a que se irmanava as benesses do progresso. Não descuidou da aprendizagem das letras e influenciou na mesma direção, o quanto pôde, os da sua geração.

Integrou o Gabinete Viçosense de Letras, que prestou serviços inestimáveis à difusão dos princípios rudimentares da instrução e despertou nos jovens o apreço pelos livros e a ânsia do saber. Tornou-se aguerrido batalhador da causa da educação e a fidelidade a esse ideário acompanhou-o até o findar dos seus dias.

Não houve movimento a favor dos superiores interesses de Viçosa que não contasse com a sua participação. Envolveria-se em tudo, estivesse o pleito no campo dos empreendimentos agrícolas, comerciais e industriais, ou cuidasse da infra-estrutura rodoviária, tão necessária ao desenvolvimento do município e da região serra-na, com íntimas ligações com o vizinho Piauí.

Um homem da sua influência não escaparia às tentações da política. Nela militou com desenvoltura. Por isso mesmo, se tinha amigos, e como os tinha!, não lhe faltaram inimizades. Podiam não ser do seu gosto, mas sobreviviam, fugindo ao seu controle e gênio folgazão. É a sina de quem se enreda em atividades partidárias, o conduto de azedumes que marcam e constrangem.

O cartório, de que se tornou titular, granjeou-lhe prestígio raramente desfrutado. Mas trouxe-lhe, também, aborrecimentos e o tornou partícipe de rusgas inevitáveis pela altivez de suas atitudes, caráter inamolgável que era, não importava quem estivesse na estacada do outro lado.

*Chico Caldas, o Patriarca de Viçosa do Ceará* proporciona-me, por outro lado, a leitura de páginas de permanente fulgor. Impressiona-me o poder descritivo do pregador português Padre Antônio Vieira: estadeia diante de nós a imponência do maciço da Ibiapaba. O homônimo cearense, o reverendo do *Jumento, Nosso Irmão* é também um retratista de brilho invulgar. Severino Caldas relembra o poeta Padre Antônio Tomaz, que dedicou a Viçosa um dos seus primorosos sonetos.

Convivo com Livino Pinheiro, o querido mestre da Faculdade de Medicina do Ceará e que esbanjou idealismo pelos altiplanos ibiapabanos. Reencontro Caio Cid, amável cronista e inspirado poeta, que se ligou a Chico Caldas por laços de mútuo afeto. Deparo-me com Quintílio de Alencar Teixeira, médico dos bons e político que perlustrou caminhos que o levaram à Assembléia em dois ou três mandatos. Escrevia com graça, propriedade e leveza. De todos, o depoimento de incontida admiração a Chico Caldas.

Junto-me a todos eles, no pórtico deste livro, para tributar a minha homenagem ao Patriarca de Viçosa. Rejubilo-me com o gesto de Severiano Caldas, convocando-me para este pronunciamento. Canto hosanas e sou grato à oportunidade que me deu de render preito de estima, respeito e saudade à memória de um amigo que fascinava pela disponibilidade e alegria de viver.

Dezembro/1999